

O feminismo na era digital e a (re)configuração de um contexto comunicativo para políticas de gênero

Or feminism na was digital and to (re) configuração de um communicative context for gender policies

Tainan Pauli Tomazetti (Brasil)

Universidade Federal de Santa Maria

tainanpauli@gmail.com

Resumo

A partir de uma pesquisa teórica e documental, o artigo busca refletir o desenvolvimento histórico e contextual do feminismo contemporâneo na configuração de políticas de gênero junto aos meios de comunicação, especialmente, na era digital. Em um primeiro momento, busca-se contemplar brevemente a relevância da categoria de gênero para o progresso do pensamento feminista. Em articulação com este processo, os meios de comunicação representam fundamental espaço para o de empoderamento e reflexão do movimento. Assim, na segunda parte do artigo pretende-se tensionar as relações entre feminismo e a comunicação em rede, principalmente através do espaço da internet. Apresentamos, ao final, como figuração atual do movimento para pensar novas possibilidades políticas para as relações de gênero, o contexto de enunciação da Marcha das Vadias.

Palavras-chave: Feminismo; gênero; comunicação em rede; redes digitais.

Abstract

From a theoretical and documental research, the article aims to reflect the historical and contextual development of contemporary feminism on gender policy configuration with the media, especially in the digital era. First, we seek to contemplate the relevance of gender category for the progress of feminist thought. In conjunction with this process, the media represents an important space for the empowerment and reflection of the movement. Thus, the second part of the article is intended to reflect the relationship between feminism and the network communication, primarily through the internet. In the end we present the Slut Walk as a current movement to think new political possibilities for the gender relations in digital era.

Keywords: Feminism; gender; network communication; digital networks.

Introdução: Sobre Feminismos e Gêneros

O flagrante das relações teóricas que conceituam o gênero vem ampliando suas perspectivas e revelando um olhar que extrapola as dicotomias entre os atributos culturais e as designações biológicas. A fim de dar conta da complexidade de seu objeto de análise, o

conceito de gênero está assegurado por constantes ressignificações que transversalizam sua dinâmica relacional, variável e conflitante (MATOS, 2003). Alertamo-nos, dessa maneira, que por tamanha multiplicidade, este não é um terreno teórico sem conflitos e, por assim ser, propõe-se, aqui, identificar um arranjo acerca de como pensar o conceito de gênero junto ao desenvolvimento histórico movimento do feminista em suas relações com os meios de comunicação, em especial, a comunicação digital.

Conforme nos situa Chanter (2011, p.15), “os primeiros argumentos feministas enfocavam a injustiça do fato de as mulheres serem excluídas de algumas atividades centrais, fundamentais da humanidade, às quais os homens pareciam estar destinados por alguma ordem natural”. Este debate fez emergir inúmeras reflexões e problemáticas, requisitando junto ao campo teórico construído o endossamento crítico de posicionamentos e explicações que dessem conta da complexidade de seu terreno analítico (CHANTER, 2011; FRASER, 2007; BUTLER, 2013). Assim, sobrevém do movimento feminista a preocupação em desfazer as tramas abstratas que sustentam a dominação dos homens sobre as mulheres enquanto prescritivas biológicas e essencialistas.

O feminismo hoje pode ser entendido enquanto um movimento múltiplo, híbrido, globalmente disperso e culturalmente localizado. Em sua trajetória, percebemos a configuração de diferentes momentos e demandas de luta que incidem em configurá-lo enquanto uma vertente política e ideológica atenta às transformações estruturais e microespaciais da sociedade e da cultura. Nesse sentido contextual, é de praxe e consenso subdividir a história do movimento feminista a partir do que chamamos de ondas. Enquanto períodos delimitados no tempo por um tipo de prática política predominante, as ondas do feminismo contemplam certa interpretação dos cenários e da diversidade do movimento, e assinalam, através de marcos históricos, como ele se reinventou ao longo de suas trajetórias em permanente resposta às problemáticas de cada época.

São apresentadas, geralmente, três grandes ondas que configuram este pensamento: a primeira onda, data do final do século XIX até o término da Segunda Guerra Mundial e configura um feminismo demarcado pela luta por direitos, como o voto e as condições de trabalho e educação, marcada pela ascensão do movimento sufragista principalmente nos EUA e na Inglaterra. A segunda onda, definida pelo período de efervescência política e cultural da década de 1960, advém de um processo de transformações na economia mundial e transnacionalização dos estados capitalistas, este período deflagra o início da produção teórica e a força da prática militante do movimento sob o escopo do feminismo radical. Ordenado pelo direito a liberdade sexual das mulheres, o feminismo da segunda onda institui a politização dos espaços cotidianos de opressão e fomenta a vinculação de políticas de identidade e reconhecimento ao enriquecer seu debate com o slogan “o pessoal é político”. A terceira onda do feminismo, ou feminismo contemporâneo, como preferimos denominar, é assinalada através das vertentes que surgem a partir do final da década de 1980 até a atualidade. Este feminismo contemporâneo é configurado a partir da multiplicidade e alastramento do movimento pelo mundo enquanto filosofia política, pela definição heterogênea das opressões e das identidades das mulheres, institucionalização e forte produção acadêmica.

Pensando junto ao desenvolvimento deste feminismo contemporâneo, torna-se relevante para o limiar desta reflexão delegar ao movimento e suas contendas políticas o horizonte e também a ressignificação do conceito de gênero enquanto uma categoria de análise situada sobre um complexo contexto de relações de poder e dominação. Nesse sentido, mais do que um movimento social, o feminismo deve ser ponderado enquanto um sistema de ideias e ideais de transformação baseados na oposição da assimetria e opressão de gênero mediante ações mobilizadoras. Conforme adentramos em sua história tomamos enquanto notável uma de suas características basilares: ser um movimento que produz ele próprio sua reflexão e teoria. Tomando enquanto basilar este pensamento, este artigo pretende refletir alguns marcos históricos que orientam o feminismo contemporâneo no desenvolvimento de políticas de gênero junto aos meios de comunicação na era digital.

O feminismo na era digital: breves incursões sobre o terreno da comunicação

Para iniciar uma discussão sobre o feminismo e comunicação digital, é interessante, primeiro, que voltemos nosso olhar sobre o terreno de suas relações com os meios de comunicação de forma geral. Conforme Pinto (2003), desde cedo o movimento feminista reconheceu o lugar de importância paradoxal ocupada pelos meios de comunicação na sociedade, tanto como fonte para visibilidade e projeção das mulheres, quanto como mantenedor da ordem da dominação masculina através das representações e estereótipos de gênero. A crítica e a reflexão dos meios acompanha, dessa forma, o processo organizativo do movimento, em especial, a partir segunda metade do século XX. Desenvolvendo-se sobre a ênfase nas esferas de ação – combativas ou negociadas – junto aos meios de comunicação, a partir da segunda onda, o feminismo passa a estabelecer uma relação de mão dupla com as mídias: de um lado, através da crítica, tanto prática quanto acadêmica, e, de outro, pelo uso alternativo de mídias no embate e enfrentamento dos discursos dominantes.

Assim, através da necessidade de se construir com um discurso próprio, provocar mudanças e empoderar as mulheres, o movimento feminista passa a organizar sistematicamente a produção de seus espaços de comunicação. No Brasil, podemos perceber a atuação de uma imprensa feminista já no século XIX, contudo, é a partir de meados da década de 1970 que encontrarmos a exponencial potencialidade dessas produções (PINTO, 2003).

Ao analisar a imprensa feminista no Brasil, Woitowicz (2012), destaca que, num primeiro momento, ela esteve intimamente relacionada com o processo de oposição à ditadura, entre essas experiências temos como marcos os jornais Brasil Mulher (1975-1979), Nós Mulheres (1976-1978) e Mulherio (1981-1987). Assim como estes jornais de inegável contribuição na luta contra opressão, o movimento feminista veio, ao longo do tempo, produzindo outros/novos canais de comunicação. De acordo com levantamento de Woitowicz, é possível observar, no período pós-1990, com o feminismo concentrado em ONGs e em grupos de pesquisa, o fomento de novas produções que tematizam significativamente questões políticas, de saúde e demandas sociais das mulheres como: “os jornais Fêmea, do Centro Feminista de Estudos e Assessoria; Fazendo Gênero, do grupo Transas do Corpo; Jornal da Rede, da Rede Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos

Reprodutivos; e Folha Feminista, da Sempreviva Organização Feminista” (WOITOWICZ, 2012, p.06).

Na medida em que travou o esforço para elaborar novas mídias, o feminismo passou a conferir às ferramentas e espaços comunicacionais um enlace estratégico de primeira ordem para sua causa. E, assim, com o avançar dos processos tecnológicos, o advento da internet vem ampliar a relação do movimento com suas políticas de comunicação e gênero. Outros canais, espaços e plataformas vão possibilitar às ações feministas o alastramento de informações, demandas, organização e a criação de conteúdos, habitualmente ignorados pelos meios de comunicação mais tradicionais, ou restritos aos meios alternativos, importantes, porém de limitada abrangência.

Cenários e possibilidades

Em confluência com as potencialidades comunicativas da era digital, o feminismo passa a perceber no ambiente virtual um lugar de práticas e expressões coletivas, antes desconhecidas, com novas significações e endereçamentos múltiplos. Assim, na perspectiva de criar espaços alternativos de visibilidade, no qual as mulheres poderiam protagonizar posicionamentos ao converterem-se no papel de autoras, produtoras e transmissoras de conteúdo, já nos anos de 1990, diversos grupos feministas se lançam na disputa pelo terreno comunicativo da internet.

Com a consciência de um dever político na esfera comunicacional, o espaço da internet foi reclamado oficialmente pela primeira vez no ano de 1995 no Simpósio Internacional sobre a mulher e os meios de comunicação, organizado pela UNESCO, em Toronto no Canadá. Segundo relata Ureta (2005), as feministas manifestaram uma preambular reflexão sobre importância de sua presença na internet, com o objetivo de fazer chegar a um maior número de mulheres informações que as ajudassem e as apoiassem no desenvolvimento de práticas cotidianas. Também, no mesmo ano, na Conferência da Mulher, em Beijing, expuseram-se as necessidades de “estimular e reconhecer as redes de comunicação das mulheres, entre elas as redes eletrônicas e outras novas tecnologias aplicadas à comunicação, como meio para a difusão de informação e intercambio de ideias” (URETA, 2005, p.386).

Esses encontros aspiraram diversas iniciativas e possibilidades para a criação de redes feministas na internet. Entre as primeiras experiências, destaca-se o site espanhol Mujeres em rede, surgido em 1997, com a ajuda de servidores alternativos amparados pela APCmujeres¹. O site hoje é referência em todo mundo, consolidado a partir da publicação e reunião de textos e reflexões sobre direitos humanos e feminismo, além de reconhecimento e compartilhamento de recursos para a empoderamento da mulher através de listas de e-mail e fóruns de debate (DE MIGUEL; BOIX, 2013).

É também na década de 1990 que se inicia o chamado ciberfeminismo, um movimento iniciado pela experimentação do feminismo junto a arte virtual. Movido pela compreensão do uso das tecnologias para práticas enunciativas, e relacionado à

convergência entre mulher, mundo digital e arte, o ciberfeminismo tornou-se uma prática múltipla que está espalhada hoje por diversas partes do mundo, dentre as manifestações pioneiras é de destaque o grupo VeNuS Matrix: “que surge em 1991 e cujas componentes, que provém do mundo da arte são pioneiras na utilização, no início dos anos 90, do termo para apresentar seus trabalhos de experimentação entre o sujeito feminino, a arte e a virtualidade” (DE MIGUEL; BOIX, 2013, p.55).

A presença do feminismo na internet situa o movimento politicamente em um ciclo de novas/outras oportunidades alavancadas pela construção de laços solidários entre mulheres e feministas de todo o mundo. De acordo com Ureta (2005), o espaço social e virtual dinamizado pelas redes digitais proporcionou experiências de ativismo mais livres e acentuou as possibilidades de desenvolvimento de outros canais de comunicação e intercâmbio informativo, ampliados para além dos contextos localizados entre as mulheres e suas comunidades.

No Brasil, as experiências de uso da internet são múltiplas e configuram a presença do feminismo em diferentes segmentos desde sites, blogs, fóruns e redes sociais. Pesquisando sobre o feminismo e a esfera pública na internet, Haje (2002) constatou a presença de 21 sites brasileiros ligados de alguma forma a organizações e/ou a práticas feministas entre os anos de 2000 a 2002. De lá para cá certamente essas experiências floresceram, sendo válido destacar aqui algumas delas.

Entre os principais blogs feministas na atualidade está o Blogueiras feministas², site que reúne textos e discussões sobre diferentes assuntos ligados à luta das mulheres, construído por uma rede de blogueiras de várias partes do país, o blog hoje encontra-se como referência nacional do movimento na internet. Outro importante blog a destacar é o Escreva Lola Escreva³, no qual é possível encontrar conteúdo reflexivo de pautas importantes para o feminismo, além de textos sobre política nacional e questões de gênero. Além desses blogs, o site da Marcha Mundial das Mulheres (MMM)⁴ configura-se enquanto um espaço de autorganização do movimento na internet, reunindo informações, conteúdo e agenda das marchas da mulher pelo mundo.

Também, como experiências já históricas, no contexto brasileiro, podemos destacar os sites Cfema, SOF e Cemina. O site do Centro feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea)⁵, reúne proposições legislativas e parlamentares sobre políticas de gênero, além de textos e matérias que buscam realizar um diagnóstico feminista da situação política do país. O site da SOF (Sempreviva organização feminista)⁶ é gerido a partir de uma perspectiva política solidária à mulher camponesa e à luta contra a violência doméstica. O Cemina (Comunicação, Educação e Informação em Gênero)⁷ possui um site que busca discutir, capacitar e elaborar canais comunicativos entre as mulheres, provendo iniciativas culturais e políticas no âmbito da educação de gênero.

Além disso, também os sites de rede social (Facebook, Twitter, Tumblr, entre outros) possuem em suas redes nós feministas com seguimentos múltiplos: de organização ativista; de reflexão; de conteúdo irônico; provocativo; de prática institucional; de

movimentos mundiais; e assim a lista de nuances continua. Este é o caso das Páginas e Grupos de discussão de movimentos e organizações que estão no Facebook, como a Marcha das Vadias e a Marcha Mundial das Mulheres, por exemplo. É importante destacar, aqui, que as práticas de ativismo feminista extrapolam a presença de apenas um espaço na internet, estando em diversos ambientes comunicacionais da rede: um movimento como a MMM, por exemplo, possui um site, um Twitter⁸ um Tumblr⁹ e uma Página¹⁰ e um Grupo¹¹ no Facebook.

Assim, se arquitetam redes de comunicação sobre as reflexões de gênero na internet e fora dela, nas quais as relações entre conteúdos produzidos em blogs, sites e redes sociais (online e offline) passam a ampliar a agenda e conformar táticas de organização política. A amplitude dos campos de ação é notável, e a convergência entre as dinâmicas e práticas tradicionais com o universo digital e suas possibilidades é sintomática do diagnóstico e autocrítica feminista a respeito dos espaços em que vigoram as estruturas de ação e dominação.

Como explica Natansohn (2013), no entorno tecnológico, o feminismo se concentra em legitimar e instaurar políticas de inclusão das mulheres no meio digital, refletindo um horizonte para a teoria e práxis feminista em resposta a demandas sociotécnicas. Segundo a autora, o que está em disputa neste terreno é o alcance político e social da cultura digital como forma de viver na contemporaneidade, como um ambiente onde se desenvolvem lutas por poder e por enunciação de diferentes grupos sociais. No entanto, a análise e também o uso desse espaço deve prever o seu reconhecimento enquanto um ambiente de não neutralidade de gênero. Para Natansohn (2013), assim, é necessário refletir o protagonismo da mulher para além da apropriação da tecnologia, mas junto a isso o empreendimento de construção de saberes programáticos a estas mesmas ferramentas e plataformas tecnocientíficas:

estamos assistindo a uma lenta, mas constante, tomada de consciência sobre a necessidade de usar os recursos organizacionais da rede e adquirir competências tecnológicas. Há uma grande quantidade de sites e recursos web de organizações pelos direitos das mulheres e outras minorias. Contudo, são poucos os projetos orientados às tecnologias digitais com enfoque de gênero e, esta neutralidade não faz senão discriminar minorias que não se integram espontaneamente ao mundo digital. (NATANSOHN, 2013, p.26)

Portanto, do ponto de vista comunicacional, a relação entre o feminismo e a internet merece esforços de análise e interpretação porque amplia os espaços atuação do movimento, assim como permite o dimensionamento de questões virtualmente enriquecidas através de fenômenos localmente situados. Como é o caso da Marcha das Vadias que, geminada por pares feministas em um país específico e através de um acontecimento local, é alastrada para diversas partes do globo a partir da apropriação das redes digitais para a publicização e orquestragem, primeiro, da indignação com o fato que a precedeu; segundo, para organização de uma prática reivindicatória propriamente feminista; e terceiro, através de laços solidários e identificação coletiva com o desenvolvimento de políticas de gênero.

A Marcha das Vadias e a configuração de um feminismo comunicacional

Nos últimos três anos o termo “Vadia” tornou-se uma expressão amplamente política, com tom de subversão contracultural em diversos lugares do mundo. Isto porque uma nova forma de protesto feminista emergiu pelo globo através de práticas de ativismo e organização online com nome e lógicas bastante específicas e diferentes entre si: a Marcha das Vadias. Iniciada no ano de 2011, em Toronto, no Canadá, a Marcha das Vadias (SlutWalk) originou-se como resposta ao pronunciamento do policial canadense Michael Sanguinetti que, falando para um pequeno grupo de estudantes da Universidade de York em um fórum sobre segurança pessoal, declarou a seguinte frase: “as mulheres devem evitar se vestirem como vadias a fim de que não sejam vitimadas [por estupros]”(CARR, 2013). A partir deste comentário, que acabou por sintetizar a ótica compartilhada por muitas instituições e setores da sociedade sobre a condição do corpo da mulher como sujeito ao controle e alvo da apropriação masculina, um movimento global iniciou como forma de luta e indignação contra a realidade do estupro, contra ao instinto social naturalizado de culpabilizar as vítimas, contra ao chamado slutshaming¹² e pelo reconhecimento da liberdade e autonomia da mulher sobre seus corpos.¹³

O pronunciamento do policial foi o estopim para a manifestação de diversas jovens feministas que o responderam organizando a primeira Marcha das Vadias (SlutWalk) em 3 de abril de 2011 no Queen’s Park, em Toronto. De acordo com o que resgata MacNicol (2012), foi a partir da edição de 8 de fevereiro do jornal universitário Escalibur que o comentário de Sanguinetti começou a se espalhar, chegando a audiências nacionais e internacionais em 17 de fevereiro quando foi citado por vários meios de comunicação.

Reclamando o direito de livre expressão sexual e a desconstrução de argumentos misóginos, a primeira Marcha das Vadias foi organizada em torno do tema “Because We’ve Had Enough”¹⁴, e através de discussões e proposições pela internet foi rapidamente propagada. Assim, o que era para ser uma pequena manifestação de jovens universitárias acabou se tornando um grande ato de protesto que reuniu cerca de 3000 pessoas no Canadá e que foi instantaneamente alastrada por diversas partes do mundo. Pleiteando o uso proposital e reinterpretaivo da palavra “Vadia” como expressão definidora dos limites de um comportamento sexual aceitável que concatena a secular opressão sobre o corpo e a sexualidade da mulher, as SlutWalks foram construídas espontaneamente no restante do mundo através de um sentimento de indignação advindo do conceito expresso por um policial, figura que deveria proteger e punir, e sua improvável “estratégia” para evitar estupros (CARR, 2013).

A Marcha das Vadias constituiu-se, assim, como um movimento altamente expressivo enquanto difusor de liberdades, assegurado por frentes de atuação que buscam unir múltiplas formas de expressão da mulher: de gênero, sexo, raça, idade, classe social, educação e interesses. Esta conflitiva, porém tributária preocupação feminista prescreveu a empatia e identificação coletiva de jovens em diferentes partes do globo. Na sua maioria,

jovens que acordavam com os ideais feministas, mas que, no entanto, não estavam organizadas em movimentos e grupos de atuação, percebendo um impulso e uma mensagem de continuidade advinda da manifestação canadense. Dessa maneira, já em 2011, protestos sob o nome de Marcha das Vadias aconteceram em mais de 200 cidades e quarenta países em torno do mundo, incluindo: Espanha, Hungria, Finlândia, Noruega, Coréia do Sul, África do Sul, Austrália, Ucrânia, México, Brasil, Índia, Indonésia, Alemanha, Marrocos, Inglaterra entre outros.

De acordo com Carr (2013), esses protestos [SlutWalks] diferentes de qualquer outros do passado, têm como principal arma seu estado de espírito otimista e irônico e ao mesmo tempo bastante sério e comprometido. Como um movimento que se volta contra a cultura do estupro e a objetificação do corpo da mulher, a Marcha das Vadias é uma forma de protesto que tem se tornado única e inovadora nas questões contra violência de gênero: “ao invés de ficarem na defensiva sobre expressar sua sexualidade, as “SlutWalkers” trabalham na ofensiva, usando o palco das ruas para desconstruir opressões e ganhando mais atenção da mídia do que marchas tradicionais pelo os direitos das mulheres”(CARR, 2013, p.25).

As Marchas das Vadias ao redor do mundo adquirem proporções diversas, descentralizadas e acentuadamente midiáticas. Os cartazes, os corpos, os pronunciamentos, as danças, as músicas, a atenção dos meios de comunicação e a conformação midiática através da internet tornam-se, em conjunto, o movimento em si. As mídias digitais e os meios de comunicação de massa vêm criando fluxos transnacionais de informação sobre as atividades e a atuação da Marcha das Vadias enquanto movimento global. Os sites de rede social online, como Facebook e Twitter, parecem ter se tornado as principais fontes de organização e difusão de centenas de protestos locais em diferentes continentes. Assim, as variadas apropriações e temas de embate passam a depender paralelamente de contextos locais e de práticas globais de comunicação.

No Brasil, a Marcha das Vadias teve sua primeira manifestação na cidade de São Paulo, em 04 de junho de 2011, e já no mesmo ano outras Marchas foram acontecendo espontaneamente em diferentes cidades de país¹⁵. Com organização própria, as Marchas das Vadias brasileiras foram adquirindo novas expressões. Em 2012, o número de protestos dobrou saindo dos grandes centros urbanos para chegar a cidades do interior, em diversos estados do país. A organização de quase todas as Marchas é feita principalmente através do Facebook, como é possível observar no site: marchadasvadiasbr¹⁶, que reuniu até 2013 o calendário das Marchas no país. Além de se organizarem através da internet, as Marchas se utilizam deste espaço para produzir campanhas de conscientização e visibilidade, como a série fotográfica: “Feministas Por quê?”, da Macha das Vadias do Distrito Federal¹⁷, e as correntes fotografias, textos e vídeos das Marchas que circulam em suas páginas nas redes sociais e em sites como o “Blogueiras Feministas”¹⁸. Com um número passível de mudanças, é possível verificar, a partir de 2013, a existência de mais de cinquenta Marchas das Vadias no Brasil.¹⁹

Sendo, ao mesmo tempo, um protesto ou uma manifestação diversificada e particular, a Marcha das Vadias é hoje um dos movimentos atuais que congrega maior

atenção para a causa feminista, tanto dos meios de comunicação, quanto da sociedade em geral. As razões para tal feito podem ser diversas e até opositivas. Não há consenso dentro do próprio feminismo sobre essas práticas: o uso da expressão “Vadias” e as lógicas de formação ativista, na sua maioria formatada por jovens universitárias, é tema de debate e contestação.

Para Gomes e Sorj (2013, p.438), como fenômeno, a Marcha das Vadias é um movimento que provoca continuidades e descontinuidades ao feminismo. Ao contrário de gerações feministas anteriores, que buscavam reclamar a autonomia do corpo no entorno de políticas públicas de saúde e reprodução, as gerações contemporâneas, fruto de movimentos sociais como a Marcha das Vadias, assumem que a enunciação do corpo deve ter um significado mais amplo: e “passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindida de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo”.

Nas Marchas ao redor do mundo, o corpo é virtual e materialmente celebrado. Os corpos conduzem cartazes, e, ao mesmo tempo, são eles mesmos as faixas e símbolos do movimento guarnecidos de dizeres como: “Meu corpo minhas regras”, “Meu vestido não é um sim!”, “Vadias livres”, “Meu útero é laico”, “O lugar da mulher é onde ela quiser”, “Meu corpo, meu território”, “Não, é Não”. O corpo, assim, é reivindicado como questionável, dissoluto, e possível politicamente através de múltiplos formatos. Performar a nudez, a subversão cultural e usar e se apropriar do corpo como duplo instrumento, de liberdade e de poder, são as principais ferramentas deste jovem feminismo para pensar a enunciação e empoderamento da mulher.

É de acordo com essas especificidades, práticas e também subjetivas, que autores que estudaram e estão estudando a Marcha das Vadias concordam que o seu efeito, ainda que controverso, tem relação com um novo horizonte para as formas de organização política do feminismo (CARR, 2013; MACNICOL, 2012; VALENTTI, 2013; GOMES; SORJ, 2013). É tributário deste pensamento, portanto, refletir a edificação de um novo sujeito feminista construído por novas práticas, acentuadas pelo ativismo em rede e experiências de gênero e identidades diversificadas. Como destaca Valenti (2011), quando o descontentamento ou fúria de algumas mulheres inicia espontaneamente no online e passa a ocupar as ruas, e acontecimentos locais fazem erigir uma onda global de manifestações, no qual a ação feminista passa a desencadear debates e ativismos globais junto a redes de comunicação digital, estamos passando, no mínimo, por transformações impactantes no entorno do movimento.

Considerações Finais

Em meio a um processo de transformações, o feminismo contemporâneo, atento a sua natureza híbrida, tende a preconizar as clivagens sociais e as referências culturais dos países onde está situado, sem deixar de lado a luta contra a dominação estrutural, exigindo

o olhar vigilante do movimento para os mecanismos opressores e para os discursos cristalizados junto aos meios de comunicação. A esse respeito, a relevância de uma (auto)crítica feminista encontra-se no fato de que durante muito tempo o movimento foi sensível a camadas sociais médias e universitárias, tendo como desafio contemporâneo romper as fronteiras de ordem simbólica e material que tangenciam diferentes camadas sociais em nível de classe, etnia e sexualidade (CHANTER, 2011; FRASER, 2007; BUTLER, 2013), sendo que, as redes de comunicação digital têm papel importante nesse processo.

Junto a isso, torna-se relevante também pensar os múltiplos espaços de dominação e alçar a visibilidade e o empoderamento das mulheres a partir dos usos políticos e tecnológicos que transversalizam as estruturas e os agenciamentos sociais. Bastante diverso, este feminismo, põe em destaque nas suas múltiplas correntes questões não resolvidas, como a prostituição, a pornografia e a transexualização. Como pudemos perceber junto a reflexão sobre a Marcha das Vadias, as questões que inquietam este(s) feminismo(s) possuem uma relação de ordem direta com as políticas de liberdade e radicalidade do corpo.

Nesse sentido, destacam-se reflexões conflitivas sobre o uso do corpo como, por um lado, agenciador de práticas libertadoras, e, por outro, lugar de objetificação fetichista e mercantil do feminino. Em movimentos feministas atuais, organizados pelo aporte das tecnologias de comunicação em rede, como a Marcha das Vadias, a relação das mulheres com sua sexualidade passa a ser compreendida como um terreno de possibilidades complexas e retóricas possíveis. O corpo, como articulador político e performático das experiências de gênero e sexualidade, é, nesse sentido, espaço de interpretações e questionamentos dúbios: enquanto objeto reificado a partir de ditames estruturais em um sistema de dominação e consumo compulsório, mas também, e ao mesmo tempo, sítio de libertação e expressão sexual dialética - que contradiz a sua negação (e mácula secular) ao explorá-lo de forma subjetiva, empoderada e contra-argumentativa. Essas questões têm implicação direta na compreensão de protestos feministas atuais, enquanto movimentos que ao apropriarem-se do corpo despido como forma de protesto, realocam-se no espectro da visibilidade midiática trazendo à tona intenções narrativas que, paralelamente, são absorvidas como políticas de conformação novas possibilidades para as identidades de gênero. O que está em questionamento, nesse sentido, é o lugar reificado e estruturado do ser mulher. Assim, esses movimentos buscam pelo deslocamento das mulheres de objetos a sujeitos de seus próprios corpos, pleiteados enquanto lugares discursivos tomados de poder através de seus enlaces com e nas políticas de conformação midiáticas - no terreno da crítica aos meios de comunicação e em uma organização vinculada aos espaços comunicacionais em ambientes digitais.

Referências

Apc.org, Association for Progressive Communications Internet for social justice and sustainable development. Disponível em: <<http://www.apc.org/>>. Acesso em: 2 maio 2015.

- Butler, J. (2013). Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Carr, J. (2013). The SlutWalk Movement: A Study in Transnational Feminist Activism. *Journal Of Feminist Scholarship*, 4(1), 24-38.
- Cemina.org.br. CEMINA - Comunicação, Educação e Informação em Gênero. Acesso em: 7 Ago. 2014, disponível em: <http://www.cemina.org.br/>
- Centro Feminista de Estudos e Assessoria. CFEMEA - Centro Feminista de Estudos e Assessoria. Acesso em: 7 Ago. 2014, disponível em: <http://www.cfemea.org.br/>
- Chanter, T. (2011). Gênero: conceitos-chave em Filosofia. Porto alegre: ARTMED.
- De Miguel, A., & Boix, M. (2013). Os gêneros da rede: os ciberfeminismos. In G. Natansohn, *Internet em código feminino. Teorias e práticas* (1st ed.). Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía.
- Escrevalolaescreva.blogspot.com.br,. (2015). Escreva Lola Escreva. Acesso em: 7 Ago 2014, disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/>
- Feministas, B. (2015). Sobre. *Blogueirasfeministas.com*. Acesso em: 5 Ago. 2014, disponível em: <http://blogueirasfeministas.com>
- Fraser, N. (2007). Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Estudos Feministas*, 15(2), 291-308.
- Gomes, C., & Sorj, B. (2014). Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. *Revista Sociedade E Estado*, 29(2), 433-447.
- Haje, L. P. (2002). *Esferas Públicas Feministas na internet. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília.*
- Marcha das Vadias Distrito Federal,. (2014). Marcha das Vadias Distrito Federal. Acesso em: 9 Ago. 2014, disponível em: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/>
- Marcha Nacional das Vadias 2013,. (2012). Calendário das Marchas no Brasil. Acesso em: 8 Ago. 2014, disponível em: <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/calendario/>.
- Mulheres, M. (2015). Marcha Mundial das Mulheres. Marcha Mundial das Mulheres. Acesso em: 7 Ago. 2014, disponível em: <http://marchamulheres.wordpress.com/>.
- Mcnicol, L. M. (2012). SlutWalk is 'kind of like feminism: A critical reading of Canadian mainstream news coverage of SlutWalk. Thesis (Masters of art in School of Kinesiology and Health Studiess) - Queen's University, Ontario, Canada.
- Natansohn, G. (2013). *Internet em código feminino. Teorias e práticas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: La Crujía.*

- Pinto, C. (2003). Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo: Perseu Abramo.
- Slutwalktoronto.com,. (2015). SlutWalk Toronto | BECAUSE WE'VE HAD ENOUGH | SlutWalk Toronto. Acesso em: 8 Ago. 2014, disponível em: <http://www.slutwalktoronto.com>
- Sof.org.br,. (2015). Inicial - Sempreviva Organização Feminista. Acesso em: 7 Ago. 2014, disponível em: <http://www.sof.org.br/>.
- Ureta, A. (2005). La Red al servicio de las mujeres. Aproximación a la relación mujer y medios de comunicación en Internet. Estudios sobre el Mensaje Periodístico. (11), 375-392.
- Vallenti, J. (2011). SlutWalks and the future of feminism. Washington Post online. Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/slutwalks-and-the-future-of-feminism/2011/06/01/AGjB9LIH_story.html. Acesso em: 13 Ago. 2014.
- Woitowicz, K. (2012). Imprensa feminista no contexto das lutas das mulheres: Ativismo midiático, cidadania e novas formas de resistência. Ação Midiática. 2(1), 1-18.

¹ Associação para o Progresso das Comunicações: <http://www.apc.org/espanol/about/apcwomen/index.htm>

² Link: <http://blogueirasfeministas.com/>

³ Link: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br//>

⁴ Link: <http://marchamulheres.wordpress.com>

⁵ Link: <http://www.cfemea.org.br//>

⁶ Link: <http://www.sof.org.br//>

⁷ Link: <http://www.cemina.org.br//>

⁸Link: <https://twitter.com/marchamulheres//>

⁹Link: <http://marchamulheres.tumblr.com//>

¹⁰Link: <https://www.facebook.com/marchamundialdasmulheresbrasil//>

¹¹Link: <https://www.facebook.com/groups/292138064203399//>

¹²A definição de *slutshaming* é bastante abrangente, contudo o termo se refere, em geral, a todas as situações nas quais a sexualidade feminina e sua expressão de gênero são julgadas e restringidas.

¹³ Informação disponível no site: <http://www.slutwalktoronto.com//>

¹⁴ Em tradução livre: “Porque já tivemos o suficiente”

¹⁵ Doze cidades brasileiras tiveram manifestações sob o nome de Marchas das Vadias em 2011, além de São Paulo: Recife (11/06); Fortaleza (17/06); Brasília, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Florianópolis (18/06);

Teresina (29/06). Rio de Janeiro (02/07), Curitiba (16/07), Natal (23/07) e Belém (28/07), informações obtidas no site: <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/calendario/>.

¹⁶ Link: <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/calendario-de-marchas-pelo-brasil-2013//>

¹⁷ <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/campanha-fotografica-feminista-por-que/>. A campanha “Feminista por quê?” reúne fotografias de homens e mulheres que se posicionam a favor do feminismo, ela serviu de material para a divulgação da Marcha das Vadias – DF no ano de 2012 e circulou por diversas mídias, tanto digitais quanto impressas.

¹⁸ Link: <http://blogueirasfeministas.com/tag/marcha-das-vadias>.

¹⁹ De acordo com informações dos sites: <http://marchadasvadiasdf.wordpress.com/> e <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com> . O número decorre também do levantamento de Páginas das Marchas das Vadias no *Facebook*.